

## **Sublimação: um destino possível? <sup>59</sup>**

**Daniel Delouya <sup>60</sup>**

Não compartilho da visão ou do preconceito de que os psicanalistas não se atentam à sublimação em seus trabalhos clínicos. Acredito que o destino da sublimação está na mira dos psicanalistas, como possível e bem vindouro encaminhamento da cura analítica. Muitas vezes, os efeitos sublimatórios de uma cura prenunciam o fim da análise. Penso, sobretudo, em pacientes melancólicos que após muitos anos de análise, revelam na mudança de seu vestir, nos objetos de consumo e nos tratos higiênicos e estéticos de seu corpo um inédito cuidado de si, além de outros, culturais, como inusitados gostos pela literatura, pelo cinema e pela música aos quais se mostravam no passado avessos ou indiferentes. Esse desvio – como Freud caracteriza a sublimação –ou essas divergências dos destinos pulsionais ou auto-eróticos demonstram transformações de maior valor, dando sentido para sua vida. Trata-se aqui de apropriações novas no mundo psíquico do paciente e que nós creditamos ao trabalho da análise. Jaques André, em seu livro *O imprevisto* (2004), traz alguns exemplos da sala de análise, onde mudanças que parecem pequenas como quando o paciente passa a poder usar um guarda-chuva, representam uma alteração significativa na vida do paciente, caminhando para o final de sua análise. Essas mudanças inéditas devem ser distinguidas de outras que sucedem a um trabalho de luto na análise a partir do qual o paciente recupera os gostos, e com novo frescor, de suas sublimações já estabelecidas que foram suprimidas durante o seu luto. Nesses casos, a retomada das fruições sublimatórias não coincide, necessariamente, com o sinal de fim da análise.

A destruição, pelo Freud, de seu ensaio sobre a sublimação foi associada com as problemáticas que o conceito coloca para a psicanálise. Contudo, o trabalho que Freud lhe dedicou não é pequeno, assim como o de seus sucessores. A primeira referência se encontra no Manuscrito L, das cartas a Fliess de maio de 1897, referindo-se à construção das fantasias como uma tendência na vida psíquica em depurar, sublimar as experiências primeiras, as memórias infantis.

---

<sup>59</sup> Trabalho apresentado na mesa “Sublimação: um destino possível?” no II Simpósio Biental SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento” no dia 22 de agosto de 2020.

<sup>60</sup> Membro efetivo com funções didáticas da SBPSP, foi presidente da FEBRAPSI 2015- 2017.

Somente a partir de caso Dora que a sublimação começa a adquirir as vestes de um conceito quando aponta em Dora o desvio dos fins sexuais, contendo-as, para as realizações culturais. Este afastamento dos fins sexuais se faz, nos *Três ensaios sobre as teorias sexuais*, do cheirar e tocar para o do olhar e da visão, num tocar à distância, efeito do recalque orgânico, com a passagem, no homem, para a postura ereta.

Freud associa, então, a sublimação aos processos reativos do período de latência (nojo e repugnância) à sexualidade perversa polimorfa da infância e à construção de barreiras a ela, a serviço da formação de caráter. O que se acentua aqui é a negatividade implícita ao recalque e às inibições dos fins das pulsões, como na inversão dos afetos na latência, e na volta sobre si (na formação de caráter) entre tantas outras vicissitudes (identificação, dessexualização, etc). Não obstante, o prazer do olhar, do tocar à distância, com suas conotações estéticas, indica, ao mesmo tempo, que as moções positivas, progredientes da libido permanecem e proporcionam prazer. Por isso que Freud se refere à sublimação como desvio. Como se os objetos culturais passassem a exercer uma força de atração análoga, porém diferente, aos objetos sexuais primários da sexualidade infantil perversa polimorfa. A sublimação seria, portanto, distinta do recalque, embora pertencente igualmente ao efeito do regime da negatividade, já que no recalque o afeto com suas qualidades de prazer/ desprazer é, inteiramente, suprimido. Também se distinguem da sublimação os afetos reativos da latência, de nojo e da repugnância que encobrem, em sua realização, o prazer da sexualidade infantil. Pressupõe-se, então na sublimação, certa dessexualização; uma transformação no seio da pulsão que reserva um prazer depurado da pulsão sexual infantil e, portanto, também uma alteração de seus objetos.

Que os objetos culturais exerçam uma força de atração sobre a libido, isso se deve à origem do social e do cultural e sua imbricação com a sexualidade. Freud precisa por isso lançar mão de todo o desenvolvimento relativo ao pai perverso da horda, seu assassinato e a criação da cultura: uma passagem da posse perversa para o social. Vemos rapidamente que a matriz simbólica-mítica – os complexos do Édipo e de castração, bem como os símbolos que lhes são correlatos, se associam ou se englobam no conceito da sublimação. Os objetos culturais são, por assim dizer, traduções do sexual.

Para esclarecermos estes liames do sexual com os objetos culturais seria preciso avançar para os grandes textos sobre a sublimação entre 1908 e 1912, com a centralidade do estudo sobre Leonardo da Vinci. No texto da *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* Freud associa a sublimação à dessexualização; prossegue assim nos textos da psicologia de amor de 1910 e 1912, esse último antecipando *O mal-estar na cultura* de 1929, ligando a sublimação à negatividade interior à pulsão sexual e minando, por assim dizer, a vida amorosa com o avanço das metas culturais. Mas somente no texto sobre a recordação da infância de Leonardo é que Freud retoma e torna complexa, numa genialidade digna de nota, seus insights dos *Três ensaios...* sobre a sublimação. De um lado, o sexual é creditado, como em seus primeiros textos, assim como nos *Três ensaios...* à sedução da mãe, ou do adulto, ou seja, ao engendramento do enigmático como fonte da sexualidade perversa polimorfa e, por outro lado, uma dessexualização desse sexual pelas pulsões defensivas do eu, da auto-conservação, destacando nela a pulsão de apoderar-se, de domínio. O sexual enigmático se coloca como ‘complemento libidinal’ à pulsão de domínio para gerar a pulsão epistemofílica, pulsão de saber. Desvia-se assim do recalque, embora este nunca deixa de estar presente. Porém, o que vale destacar é o predomínio do aspecto ativo do sexual sobre o fundo negativo defensivo da pulsão de domínio. Onde se encontra a força de atração, sedução e curiosidade pelos objetos culturais. É preciso aqui, e notadamente em relação ao Leonardo, distinguir os graus da fruição subsequentes à imposição negativa, de dessexualização, no processo sublimatório, por exemplo, entre a pintura e a pesquisa intelectual em Leonardo. Antes, porém, valeria deter-se, brevemente, sobre o processo para o qual Freud aponta na sublimação.

O estado de desamparo se deve a uma percepção precoce e inexorável da realidade, ao qual o bebê reage defensivamente, e além de recusá-la, solicita ao objeto meios para se auto conservar. Essas seriam as pulsões de conservação do eu, agindo no sentido contrário, negativo, das pulsões sexuais provenientes do enigma introduzido pela sexualidade infantil do adulto e que esse adulto ignora. Por isso que Freud passa a atribuir, mais tarde, essas pulsões do eu à ação da pulsão de morte antes de ele englobá-las nas pulsões de vida. Não obstante, a sexualidade na oposição às pulsões do eu se defronta com o limite entre o eu e o mundo do outro. E é nesse terreno da separação entre o eu e o outro que a ação

do sexual se torna, em meio à sublimação, a fonte da criatividade. A sublimação coincide, então com os primórdios e a noção de *eu-prazer-purificado* é sua consequência. Não posso me deter sobre essa dimensão criativa. Basta lembrar que é nesse terreno, entre o si e o objeto, que Winnicott localiza a experiência cultural, de criação de fenômenos e objetos transicionais em consonância com a sublimação como desvio da fonte da sexualidade perversa polimorfa. Green, ao lançar o conceito de objetualização, destaca na sublimação o movimento de criação dos objetos. Esses autores mostram que criar ao sublimar é instaurar o tempo onde o ser se encontra. Numa perspectiva diferente desses autores, Klein situa a criatividade no plano do advento dos objetos totais, no reconhecimento da bondade do outro, portanto criando como ato de reparação *a posteriori* a consciência da agressividade infligida ao objeto no estado indiferenciado anterior da posição esquizo-paranoide.

A sublimação e a criatividade configuram, então, uma saída, para apenas uma parte dos derivados das pulsões sexuais, escapando do recalçamento, enquanto outros derivados permanecem sob seu mando. As partes menos sublimadas, na proximidade da sexualidade perversa polimorfa teriam mais fruição de que outras com grau maior de sublimação, ou seja, mais inibidas e abstraídas como Freud encontra na diferença entre as fases de pintura do Leonardo e outras de investigação da natureza. Freud traça essa distinção entre recalçamento, idealização e sublimação em seu ensaio sobre o narcisismo. A idealização seria um retorno do recalcado da sexualidade e seu sobre - investimento do objeto ou do eu, ao passo que a sublimação seria uma transformação dos derivados da pulsão sexual, dessexualizando-as, e direcionando-as para a criatividade e os objetos culturais. Entretanto, a sublimação e seus objetos podem se tornar alvo da idealização, o que torna a distinção freudiana muito problemática. Seja como for, as colocações de Freud se confirmam pelos conhecimentos gerais: muitos artistas, e dos grandes, criaram na sombra do recalçamento de traumas e conflitos, sendo a criação apenas uma parte que nem sempre salvou as restantes, ou seja, a vida. Por outro lado, muitos, entre eles anacoretas, passam a vida na companhia exclusiva de objetos culturais, mesmo contendo configurações neuróticas e não neuróticas em suas vidas.

Vou agora discorrer, sucintamente - mesmo que deixando muitos outros aspectos de lado, como a escolha narcísica do objeto – sobre o estágio final do

desenvolvimento da sublimação na obra de Freud, tendo *O eu e o Id* no centro desta guinada, a qual se estende ao *Mal-estar na cultura*: com a descoberta da pulsão de morte, Freud encontra nela a negatividade, e suas formas extremadas de retração, operando no âmago da sexualidade. Fica claro para Freud, que o efeito de subtração na sublimação, a dessexualização parcial que ela efetua, leva a uma disjunção do amálgama das pulsões de vida e morte, liberando a destrutividade. Os ideais que substituem, no plano sociocultural, a licença dada pelos adultos às crianças na infância de gozarem da sexualidade sob condições restritivas, se tornam cada vez mais exigentes em função do avanço da civilização, demandando inibição, contenção e sublimação progressiva da sexualidade infantil, gerando, assim, disjunção das pulsões e a liberação das manifestações destrutivas na cultura. A cultura contemporânea não desmente tal profecia, mas a confirma a cada dia. No plano cultural, as conquistas sublimatórias devolvem o sujeito, em função da disjunção pulsional, ao desamparo, tendo um efeito alienante em relação ao outro e liberando o fanatismo e as buscas de salvação religiosa, entre outras formas de gozo. A pandemia que enfrentamos agora é consequência dessa exploração científica sublimatória de domínio da natureza que visa ludibriar o desamparo humano para fanaticamente tudo dominar e explorar, e assim alcançar a felicidade. Ao desrespeitar a natureza, apanhamos, novamente, e de forma muito feia. Por outro lado, essa desilusão que nos confrontou com a angústia de destino, da destruição do tempo – quanto tempo vai durar? Sairemos vivos? Como será o mundo depois? – nos fez retornar para a casa, *onde tudo começa*, recuperando a intimidade de cada um com os seus, a solidariedade com os outros, nos obrigando a lançar mão de nossas sublimações fundamentais, de cuidado de si – cozinhar, lavar, arrumar – restaurando o tempo onde podemos nos encontrar, sermos vivos, sobre o fundo do terror da angústia do real da morte.

Entretanto, gostaria no plano individual, destacar um aspecto da sublimação sumamente importante. Os derivados da sexualidade perversa polimorfa infantil, ao se submeterem à sublimação, carregam a lembrança das fontes da experiência de sedução junto aos seus objetos primários e a elas almejam retornar. ‘Voltamos sempre aos primeiros amores’, citação de Binet à qual Freud retorna. Leonardo e sua Gioconda, Proust e sua busca do tempo perdido, Nerval e sua Aurélia, entre outros, e quem não?! Esse ensaio de retorno,

de longos rodeios, que por vezes absorve o sujeito até à morte ou que o atenta a explorar uma ‘reserva incriável’ (Green) desse ‘amor dos começos’, nunca falta à sublimação. Aqui, talvez, encontramos Lacan para quem, na sublimação há a elevação do objeto à dignidade da *das Ding*, que na obra de Freud é o objeto perdido de uma satisfação plena e mítica. Mas vai convencer o ser humano de desistir daquilo que lhe deu a vida!